



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: inglês.]

As famílias hoje: realidade, beleza e desafios

*Discernir os sinais dos tempos a partir da experiência das famílias
e do compromisso da Igreja hoje*

Quinta-feira, 8 de outubro de 2026
S. Em.R. Card. Filipe Neri Ferrão

Santidade, Eminências Reverendíssimas, Excelências Reverendíssimas, queridos irmãos e irmãs,
Foi-me pedido que partilhasse convosco **as realidades vividas, a beleza e os desafios das famílias** na Ásia, particularmente na Índia.

A minha intervenção baseia-se sobretudo na minha própria experiência como Pastor da minha Igreja particular que, no meio da diversidade do panorama eclesial do nosso vasto continente, partilha ainda muitas realidades e desafios com outras Igrejas particulares da Índia e de toda a Ásia.

Nas nossas Igrejas particulares, reconhecemos a família como um *locus* privilegiado da revelação: é nela que a vida é acolhida, que se formam as relações, que se transmitem os valores do Evangelho e que a fé é vivida através de histórias únicas e pessoais.

Quando fazemos da escuta uma atitude pastoral, descobrimos que as realidades, a beleza e os desafios das nossas famílias convergem para revelar, de uma forma muito misteriosa, a presença e a ação de Deus.

As realidades vividas pelas nossas famílias: Na Índia e, de modo mais amplo, em toda a Ásia, a família continua a ser o fundamento da sociedade e a célula fundamental da Igreja doméstica. Contudo, as famílias que acompanhamos revelam-nos também que a vida familiar está a atravessar transições profundas e radicais. Três grandes mudanças emergem como particularmente significativas.

Primeiro, a mudança na identidade, natureza e composição da família: na Índia e, de modo mais amplo, em toda a Ásia: (i) as famílias tradicionais, alargadas e de várias gerações, estão progressivamente a dar lugar a agregados familiares mais pequenos e nucleares; (ii) estão a surgir novas formas de união e coabitação, num contexto de mudanças na compreensão do género e das relações nos meios urbanos; e (iii) a realidade crescente dos casamentos inter-religiosos nas nossas sociedades multirreligiosas suscita novas questões sobre a vivência e a transmissão da fé no seio da família.

Segundo, a mudança da estabilidade para a mobilidade: a rápida urbanização, o crescimento económico, os novos modelos de desenvolvimento e o maior acesso à educação estão a levar mais

pessoas a deslocarem-se, tanto dentro dos seus próprios países como através das fronteiras, em busca de melhores oportunidades. Como consequência, muitas das famílias confiadas ao nosso cuidado pastoral já não são agregados familiares ligados a uma única paróquia.

Terceiro, a mudança nas condições existenciais das famílias: a Índia e a Ásia partilham um paradoxo comum: o crescimento é rápido, mas desigual; as oportunidades estão a aumentar, mas o acesso às mesmas continua a ser discriminatório. A dignidade da vida, o valor do trabalho e a proteção dos direitos não são vividos de igual modo por todos. A insegurança económica, a pobreza, o desemprego e a incerteza quanto ao futuro pesam fortemente sobre muitas famílias. As famílias cristãs, em muitas partes da Índia e da Ásia, têm também de viver num contexto de crescente polarização e hostilidade religiosas, tornando cada vez mais difícil a expressão pública e a transmissão da fé.

Por outro lado, temos **a beleza das nossas famílias**. As mudanças na identidade, na mobilidade e nas condições existenciais acima mencionadas revelam também a beleza da graça que atua no quotidiano.

Que tipo de beleza oferecem as nossas famílias à Igreja universal?

a) A beleza da relação. Esta manifesta-se de modo particular no cuidado prestado às crianças, aos idosos, aos doentes e aos mais vulneráveis. Nestes gestos de ternura, as nossas famílias tornam visível o amor de Deus que resplandece através da entrega de si, sustentada pela paciência e selada pela fidelidade.

b) A beleza da resiliência e da esperança. Mesmo no meio da pobreza, da migração e da incerteza, as nossas famílias continuam a criar espaços de alegria e de esperança.

c) A beleza do diálogo. No meio da imensa diversidade religiosa e cultural da Ásia, as famílias encontram constantemente novos caminhos, novos horizontes e novas experiências de diálogo.

O que fizeram as nossas Igrejas locais: Quando *Amoris Laetitia* chegou até nós, as Igrejas da Índia e de toda a Ásia começaram por escutar as famílias. Essa escuta moldou a forma como caminhamos com elas. Consideramos agora a preparação para o matrimónio como o início de um percurso que dura toda a vida, oferecemos renovação espiritual e acompanhamento aos casais e aos filhos, e continuamos a formar as famílias e os líderes leigos ao longo do tempo.

O que aprendemos: A ação pastoral é, em si mesma, um lugar de discernimento. Não chegamos com respostas prontas. Discernimos juntamente com as famílias e, ao fazê-lo, aprendemos como a própria Igreja é chamada a mudar.

Primeiro, devemos ser contraculturais sem perder o contacto com a realidade. A Igreja é chamada a oferecer uma alternativa a tudo aquilo que desumaniza, exclui ou fragmenta. Ela precisa responder de forma criativa ao apelo da *Magnifica Humanitas* para discernir entre a “síndrome de Babel”, que desumaniza, e o “caminho de Neemias”, que promove a colaboração (MH 10); entre a homogeneização e a comunhão (MH 7); e entre a exclusão e a participação (MH 85).

Segundo, devemos passar da missão para as famílias à missão entre as famílias. Não podemos orientar as pessoas permanecendo à distância e apontando-lhes o destino. Temos de ser um farol e um poste de iluminação: um mostra o horizonte, o outro ilumina o próximo passo e acompanha-nos no caminho. As famílias não são apenas destinatárias de cuidados. São parceiras da Igreja na missão.

Terceiro, a fragilidade não é ausência de graça. Se escutarmos bem, ouvimos sabedoria e fidelidade juntamente com a dor. Por isso, não perguntamos apenas aquilo de que as famílias carecem, mas também o que Deus já está a realizar no seu meio.

Permitam-me partilhar uma experiência concreta de um sacerdote que mudou a sua compreensão da pastoral familiar.

Certa vez, visitou um jovem casal com dois filhos, paroquianos que conhecia da Missa dominical. Esperava uma visita normal. Mas, enquanto conversavam, a esposa abriu o coração. O marido trabalhava muitas horas e regressava a casa cansado, enquanto ela se dividia entre os filhos e as tarefas domésticas. Raramente se sentavam para conversar, e pequenos mal-entendidos estavam, silenciosamente, a criar distância entre os dois. As crianças estavam constantemente agarradas aos seus telemóveis, e os pais já tinham pouca energia para estar com elas.

O sacerdote não ofereceu soluções prontas. Escutou-os e encorajou-os a falar abertamente e a escutarem-se mutuamente. Perceberam que tinham de fazer alguma coisa para mudar a sua maneira de viver como família. No início, escolheram alguns pequenos passos: uma noite por semana em família sem telemóveis, uma refeição partilhada por dia e alguns minutos de oração com os filhos.

Algumas semanas mais tarde, o sacerdote percebeu uma pequena, mas verdadeira mudança. As dificuldades permaneciam, mas agora enfrentavam-nas juntos.

Começou então a perguntar-se quantas outras famílias estariam a lutar silenciosamente em circunstâncias semelhantes. Foi criada a Comissão Paroquial para a Família, que deu prioridade às visitas às famílias e convidou casais maduros a acompanhar as famílias mais jovens.

Foi assim que começou verdadeiramente o ministério do sacerdote junto das famílias: não com um programa, mas com uma visita, uma conversa e a disponibilidade para escutar.

Conclusão

Dez anos após a promulgação da *Amoris Laetitia*, a experiência do Sínodo continua a desafiar-nos: não existe um único estereótipo de família ideal, mas sim um mosaico desafiante de realidades diversas, marcadas por alegrias, esperanças, lutas e feridas. A família não é apenas um lugar para onde a Igreja leva o Evangelho. É também um lugar de onde o Evangelho ganha vida – de uma geração para outra, de uma família para outra e das famílias para a sociedade. Neste contexto, talvez a questão que possamos levar para o nosso discernimento sinodal seja esta: o que é que o Espírito Santo pede que à Igreja mude – não só no que fazemos pelas famílias, mas na forma como as compreendemos, acompanhamos e capacitamos como protagonistas do Evangelho e como locais duradouros da revelação de Deus. Obrigado.

Muito obrigado

Bibliografia

1. Conference of Catholic Bishops of India (CCBI), *Journeying Towards a Synodal Church: Mission 2033: National Pastoral Plan*, launched 11 September 2024.
2. Conference of Catholic Bishops of India (CCBI), *XXXVI Pilgrims of Hope: Discerning the Synodal Path, for we walk by faith, not by sight (2 Cor 5:7)* (Bhubaneswar Document), Plenary Assembly Final Document, March 2025

3. Shaji George Kochuthara, CMI, “Reception of *Amoris Laetitia* in India,” *Marriage, Families & Spirituality* 28 (2022): 102–118, especially 102, 116–117.
4. Pope Francis, *Amoris Laetitia: Post-Synodal Apostolic Exhortation on Love in the Family* (19 March 2016), no. 57.
5. Pope Leo, *Magnifica Humanitas: On Safeguarding the Human Person in the Time of Artificial Intelligence*. (15 May 2026), nos. 10, 7 & 85.
6. Federation of Asian Bishops’ Conferences (FABC), *FABC Papers 151: The Catholic Family in Asia: Domestic Church of the Poor on a Mission of Mercy*, XI FABC Plenary Assembly, Colombo, Sri Lanka, FABC Central Secretariat, March 2017.
7. “Evangelized Evangelizers: The Asian Family through the Eyes of the FABC in its Documents from 1970–2013,” *Asian Horizons* 9, no. 4 (2015): 785–788.
8. Federation of Asian Bishops’ Conferences (FABC), *XII FABC Plenary Assembly: “You Will See Greater Things...” (Jn 1:50): The Call to Synodal Conversion and the Mission to be Bridges and Bridge-builders in Asia*, Jakarta, Indonesia, 20–26 July 2026.